



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS - FATECS

ANA PAULA ALMEIDA DA SILVA
FELLYPE SALES ROMÃO SILVA

VIDEORREPORTAGEM: RELATOS DA COMUNIDADE VILA RABELO

**BRASÍLIA
2014**

ANA PAULA ALMEIDA DA SILVA
FELLYPE SALES ROMÃO SILVA

VIDEORREPORTAGEM: RELATOS DA COMUNIDADE VILA RABELO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Dr^a. Katrine Boaventura.

BRASÍLIA
2014

ANA PAULA ALMEIDA DA SILVA
FELLYPE SALES ROMÃO SILVA

VIDEORREPORTAGEM: RELATOS DA COMUNIDADE VILA RABELO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Dr^a. Katrine Boaventura.

Banca examinadora

Katrine Boaventura
Orientador

Luiz Cláudio
Examinador

Edla Lula
Examinador

BRASÍLIA
2014

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho aos moradores da Vila Rabelo, Ivete Feitosa, Luzia Feitosa, José Santos e dona Maria das Graças Macedo, que foram receptivos e colaboraram com a realização do nosso trabalho acadêmico.

**Ana Paula Almeida da Silva
Fellype Sales Romão Silva**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, e depois aos meus pais que me proporcionaram fazer uma faculdade e realizar o sonho que eu tinha desde criança, ser jornalista. Durante a cansativa rotina de gravação contei com o apoio da minha mãe, a famosa Dona Izabel, como é conhecida entre os meus amigos de faculdade. Ela desempenhou, mesmo não sendo jornalista, o papel de produtora e me ajudou a encontrar os personagens. Mesmo sendo da área da saúde, virou uma grande comunicóloga e mostrou desenvoltura para a profissão.

Agradeço pela paciência, disposição para acompanhar as gravações, boas ideias e principalmente as palavras de força e fé, que foram a minha sustentação diante de uma rotina corrida e atarefada. Ao meu pai, Domingos Peres, agradeço simplesmente por ouvir os meus desabafos, minhas ideias para o trabalho, e me fazer dá boas risadas. Os meus pais inspiram a minha vida e por meio da educação que recebi vejo que sou uma mulher de sorte, sou filha do casal mais honesto e batalhador que Deus me entrou em forma de presente.

Escrever os agradecimentos não é tarefa muito fácil, são muitas pessoas que gostaria de prestar uma rápida homenagem. Não posso esquecer-me do meu namorado, Eric Barbosa, que foi compreensivo, paciente, carinhoso e como sempre, um companheiro em mais uma grande etapa da minha vida. Agradeço por acreditar no meu sonho de ser uma jornalista e principalmente pelos conselhos. Sem dúvidas, dividir a realização de um sonho com alguém que amamos torna a vitória ainda mais gratificante.

Por fim, quero elogiar e agradecer pelo companheirismo do meu amigo e parceiro de monografia, Fellype Sales. Fiquei muito feliz quando, ainda no 4º semestre de faculdade tivemos a ideia de fazer o trabalho juntos. Nos meses que nos engajamos na realização do trabalho, vivemos boas experiências, aprendemos um com o outro e é claro, sorrimos e nos divertimos bastante. Quero agradecer a vó do Fellype que também acompanhou as gravações.

Não posso esquecer-me de deixar o meu muito obrigado para o cinegrafista Raimundo, que soube traduzi por meio das lentes da filmadora, o que queríamos mostrar da Vila Rabelo. Ele foi paciente e um excelente profissional. Agradeço também aos meus amigos de curso que me ajudaram nessa trajetória. Agradeço a professora Katrine Boaventura e ao Professor Luiz Cláudio que nos auxiliaram e contribuíram para a realização deste trabalho.

Ana Paula Almeida Da Silva

Agradeço primeiramente a Deus por ter me ajudado a chegar até aqui. Agradeço a vovó Berenice Corrêa por ser paciente e ter me ajudado nesta caminhada. Agradeço ao vovô Elcias Rodrigues por ter me ajudado bastante no momento em que mais precisei. Agradeço a mamãe Renilde Sales por sempre me incentivar. Agradeço também ao meu pai Elcias Júnior que me deu apoio principalmente neste trabalho de conclusão do curso.

Agradeço a minha tia Iranice Pessoa por ter colaborado com os meus estudos. Agradeço também aos demais familiares e amigos que contribuíram direto ou indiretamente para que eu concluísse mais esta etapa na minha vida.

Agradeço a equipe de professores do curso de jornalismo do UniCEUB por nos ajudar a construir em nós mesmos profissionais com grande capacidade técnica e prática de atuação num mercado de trabalho tão competitivo. Agradeço a minha companheira de classe e amiga Ana Paula Almeida que foi essencial na produção deste trabalho.

Agradeço a dona Izabel Almeida pelas inúmeras caronas até a Vila Rabelo. Agradeço também a minha tia Mirian Rita Lucena que me apresentou há cinco anos o jornalismo [foi amor à primeira vista]. Agradeço também aos meus pastores Adriano Carvalho e Maria Beatriz Carvalho por estarem sempre orando por mim e me dando suporte.

Agradeço as minhas amigas Ana Paula Vêras e Mariana Dâmaso pelo companheirismo desde o primeiro semestre.

Fellype Sales Romão Silva

RESUMO

A “Videoreportagem: Relatos da Comunidade Vila Rabelo” foi produzida com a intenção de mostrar a diversos públicos como é uma área de risco, em específico, a Vila Rabelo. O trabalho apresenta histórias de moradores da comunidade que fazem relatos dos principais problemas enfrentados na área, como a péssima infraestrutura das casas, os barrancos, os entulhos, a falta de saneamento básico, segurança e a saúde precária. Por meio de entrevista com uma fonte oficial, a defesa civil, foram apresentadas quais são as medidas preventivas para alertar os moradores que a construção em locais inapropriados é perigosa. A entrevista com um especialista em solo apresentou de forma técnica as condições geográficas do terreno e o porquê de desastres naturais. “Videoreportagem: Relatos da Comunidade Vila Rabelo” também relata um projeto voluntário que visa ajudar as crianças que moram na comunidade.

Palavras-chave: Videoreportagem; Área de risco; Telejornalismo.

ABSTRACT

The "Videorreportagem: Stories of Community Village Rabelo" was produced with the intention of showing the various public and is an area of risk, in particular, the Village Rabelo. The work presents stories of community residents who make reports of the main problems in the area, such as poor infrastructure of homes, ravines, debris, lack of sanitation, poor health and safety. Through an interview with an official source, the civil defense were presented what are the preventive measures to alert residents that construction in inappropriate places is dangerous. The interview with an expert in soil presented a technical way the geographical conditions of the terrain and why natural disasters. "Videorreportagem: Stories of Community Village Rabelo" also reports a volunteer project that aims to help children who live in the community.

Keywords: Videorreportagem; Risk area; Newscast.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TEMA	12
2.1 Definição do problema	12
2.2 Justificativa	12
2.3 Objetivos	13
2.3.1 <i>Objetivo Geral</i>	13
2.3.2 <i>Objetivos Específicos</i>	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1 Vila Rabelo	14
3.2 Cobertura de risco	15
3.3 Telejornalismo	18
4 METODOLOGIA	22
4.1 Diário de Campo	23
5 CRONOGRAMA	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE	32

1 INTRODUÇÃO

No Distrito Federal, existem ao todo 37 áreas de risco de desabamento mapeadas, distribuídas em 16 regiões administrativas. Cerca de 3,4 mil pessoas moram nessas áreas. São 860 casas localizadas em situação de alto risco, de acordo com o levantamento da Defesa Civil.

Os problemas predominantes nas áreas de risco são: falta de sistema de drenagem de águas pluviais e de saneamento básico; esgoto a céu aberto; acúmulo de lixo e entulho, que na maioria das vezes são jogados no barranco provocando a contaminação do solo com choroume; a ocupação irregular do solo; a estrutura precária das casas.

Escolhemos este tema após uma matéria que fizemos para a disciplina redação para mídia impressa. O tema da matéria era “áreas de risco no DF”, em específico um relato de como vivem as famílias na Vila Rabelo. Depois que visitamos a comunidade e conhecemos a situação arriscada que famílias carentes enfrentam no dia-a-dia, percebemos a importância de tornar público o problema das pessoas que residem na Rabelo.

Por meio de uma videoreportagem, este trabalho relata a história de quatro moradores da Vila Rabelo, uma das áreas de risco do DF. Dos quatro personagens, três construíram as casas próximas a um barranco. Essas moradias estão classificadas pela Defesa Civil como construções localizadas em áreas inapropriadas com risco de desabamento. Além do risco, estes moradores sofrem com a falta de saneamento básico, segurança precária, falta de postos de saúde e hospitais, e o escasso transporte público.

O outro personagem desenvolve um trabalho voluntário com as crianças da comunidade, servindo como contraponto das histórias relatadas na videoreportagem. Toda semana de 15 a 50 crianças participam dos treinos de futebol no campinho de terra.

2 TEMA

2.1 Definição do problema

O objeto deste projeto é uma videoreportagem mostrando a realidade das famílias que moram na Vila Rabelo, comunidade localizada em Sobradinho II-DF. O produto pode evidenciar o risco que correm as famílias da Vila Rabelo; e apresentar quais são os problemas enfrentados pela ótica de quem vive no local.

2.2 Justificativa

Decidimos fazer um trabalho sobre cobertura de risco, devido à importância do tema para a sociedade, principalmente para as 1,5 mil famílias que moram na Vila Rabelo. Algumas ainda insistem em residir nas áreas próximas ao barranco, porque não tem condições financeiras de morar em outro local fora da comunidade. Entendemos que o jornalismo tem papel fundamental no alerta às pessoas envolvidas, de denúncia junto aos órgãos públicos responsáveis; e de mostrar à sociedade a realidade dos moradores dessa área de risco.

O telejornalismo tem o potencial de traduzir a realidade das pessoas por meio das imagens. A mídia impressa provoca a imaginação dos leitores, já a TV proporciona uma experiência diferenciada, fazendo com que o telespectador vivencie o que está acontecendo por meio das imagens e da presença do repórter no local. O repórter é o elo entre o telespectador e a reportagem.

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo Geral

Mostrar os problemas enfrentados pela comunidade da Vila Rabelo por meio de uma videoreportagem.

2.3.2 Objetivos Específicos

- Pesquisar na literatura pertinente a melhor forma de elaborar a videoreportagem.
- Produzir uma videoreportagem mostrando o cotidiano das famílias na Vila Rabelo.
- Mostrar quais são os problemas enfrentados pelas pessoas que ali residem.
- Apresentar qual é o posicionamento da Defesa Civil, qual é a classificação do solo da Vila Rabelo e os possíveis riscos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Vila Rabelo

A Vila Rabelo foi criada depois do desmembramento de fazendas que faziam parte de Sobradinho II. Existia uma fazenda chamada “Rabelo”, que era propriedade de uma família rica na época. Com isso surgiu a Vila Rabelo, que hoje é uma área que abriga algumas famílias que moram em situação precária. A Vila está localizada em uma área irregular, entre 23 condomínios. Os riscos para quem vive na Rabelo não se resumem apenas aos deslizamentos, desmoronamentos e queimadas, mas também na violência local e na falta de infraestrutura.

A comunidade existe há 17 anos. Cerca de 1,5 mil famílias residem no local e os lotes não são regularizados. A Rabelo fica próxima à Sobradinho II e é considerada uma área urbana rural. A maioria das ruas e casas não possui saneamento básico e coleta de lixo adequada. Na época de chuvas, que compreende o período de outubro a abril, toda água escorre pelas ruas não asfaltadas, descendo até às últimas casas localizadas na beira dos barrancos.

No período de seca, os moradores também enfrentam problemas. O risco de queimadas é grande devido à extensa área verde no local. Os moradores que ali residem também convivem diariamente com o risco de animais peçonhentos provenientes do mato. Normalmente esses animais, como cobras, aranhas, escorpiões e sapos, invadem as casas causando sérios riscos à saúde dos moradores.

As áreas de risco são divididas em classe A, B e C. Na classe A, se encontram as famílias que vivem em áreas de alto risco, ou seja, as casas possuem rachaduras e o terreno, em período de chuvas mais fortes, pode ceder a qualquer momento. Já as classes B e C são de risco médio e baixo, mesmo as casas sendo construídas em locais inapropriados, ainda não possuem indícios de desmoronamento.

Na Vila Rabelo I e II existem ao todo 2 mil casas. No ano passado 162 famílias da Vila Rabelo II, que viviam em lotes com grande risco de desmoronamento, foram remanejadas e levadas para a comunidade Vila Buritizinho.

Segundo Nildo Araújo, na Rabelo I existem ainda 80 famílias que vivem em casas com alto risco, mas ainda não foram removidas da comunidade e levadas para o Buritizinho.

A Defesa Civil, órgão responsável por coordenar medidas destinadas a prevenir as consequências nocivas de eventos desastrosos e a socorrer as populações e áreas atingidas por esses eventos, classifica estas áreas através de alguns fatores determinantes como, por exemplo, a vulnerabilidade, a suscetibilidade e o risco.

Em relação à vulnerabilidade é analisado o grau de 'possíveis' perdas para o grupo de pessoas que mora nestas áreas. A suscetibilidade aponta para as possibilidades e probabilidades da ocorrência de fenômenos naturais, como as chuvas e períodos de seca. O risco está relacionado a probabilidade de desastres pressupondo sempre a perda.

De acordo com o *site*¹ da Administração Regional de Sobradinho, a mais de quatro anos a Defesa Civil enquadrou a área da Vila Rabelo como sendo de risco, porque as chuvas intensificaram a possibilidade de desmoronamento

3.2 Cobertura de risco

Um ponto precisa ser levado em consideração ao se fazer cobertura jornalística de desastres: como as pessoas que moram nessas áreas entendem os riscos. Para Burton (1978 apud VIEIRA ; FURTADO, 2005, p. 67), a percepção do risco por parte de quem convive diariamente com ele está baseada em quatro fatores:

A **absorção** do perigo é definida pela capacidade que cada comunidade tem de permanecer inalterada no acontecimento de um desastre, sendo capaz de absorver um impacto. [...] quando os indivíduos passam a ter conhecimento do risco, entra-se na **aceitação**, que se dá quando a sociedade se organiza e as perdas resultantes dos desastres são recebidas e toleradas. Quando as pessoas deixam de aceitar o risco e procuram reduzir os prejuízos causados por desastres, ultrapassando o limiar da ação, em que ações mais efetivas para **redução das perdas** consistem na alteração de suas causas, minimizando o quanto possível sua vulnerabilidade e redistribuído a perda. Quando as perdas não são

¹ Disponível em: : <http://www.sobradinho.df.gov.br/noticias/item/2053-governador-do-df-e-administradora-de-sobradinho-visitam-vila-rabelo.html>. Acesso em: 16/04/2014

mais toleradas [...] as alternativas adotadas consistem em **mudança de uso ou de localização**, podendo ocorrer migração conjunta ou relocação da população. (grifo nosso)

Atualmente, quem realiza o monitoramento das áreas de risco na Vila Rabelo e em todo o país é a Defesa Civil. Segundo Castro (1999, p.10), a Defesa Civil consiste no:

[...] conjunto de ações preventivas, de socorro, assistenciais, reabilitadoras e reconstrutivas, destinadas a evitar ou minimizar desastres, preservar o moral da população e reestabelecer a normalidade social. A finalidade da Defesa Civil é promover a segurança global da população, em circunstâncias de desastres naturais, antropogênicos e mistos.

Baseado nessa percepção de risco, o repórter pode explorar em cada uma dessas quatro situações, diferentes angulações para a reportagem. E cada uma dessas angulações, em sua subjetividade, pode envolver de formas diferentes o entrevistado e o receptor da mensagem. De acordo com Garrett (1981 apud MEDINA, 2008, p. 8) “[...] Todas as pessoas, de uma maneira ou de outra, são envolvidas na entrevista, ora entrevistando, ora sendo entrevistadas”.

Com um enfoque de cunho social, as coberturas de desastres tendem a aproximar o leitor, telespectador, internauta e ouvinte, da situação daquelas pessoas que convivem com este problema diariamente. Mas para haver uma real aproximação de realidades, é necessária uma imersão por parte do repórter na situação contada, já que na reportagem, ele é o ponto de contato entre a mensagem e o receptor. Segundo Medina (2008, p. 5):

Um leitor, ouvinte ou telespectador sente quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado, quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte de informação–repórter–receptor) se interligam numa única vivência. A experiência de vida, o conceito, a dúvida, ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que narra para se consubstanciar em muitas interpretações. A audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencadeada pelo entrevistador, e vai se humanizar, [...] no grande rio da comunicação anônima.

Neste tipo de reportagem, há também fatores que merecem a atenção do repórter, como por exemplo, a reincidência e duração dos desastres. Eventos como

deslizamentos de terra e queimadas acontecem com sazonalidade, ou seja, em épocas específicas do ano.

A publicação 'Jornalismo Preventivo e Cobertura de Situações de risco'¹ produzida pela ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância) em parceria com a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) traz informações sobre o que é necessário ao cidadão que assiste, lê ou ouve matérias referentes à cobertura de risco.

As reportagens devem trazer um conjunto de informações que possibilitem aos cidadãos e cidadãs participarem dos espaços de debate público. Bem informados, eles têm mais condições de exercerem e cobrarem seus direitos. A contextualização torna o texto preciso e, até mesmo, lhe garante potencial didático. (ANDI, 2007, p.8)

Esta mesma publicação cita outros cuidados que o jornalista deve ter ao fazer coberturas de risco, pois estas envolvem também outros setores da sociedade. Dependendo da forma que o assunto é tratado, os impactos podem ser positivos e também negativos.

Além da possibilidade de conflitos de interesse envolvendo setores da economia, outras atitudes podem interferir no trabalho de prevenção junto à população. O comportamento dos meios de comunicação diante das situações de crise está entre os fatores decisivos neste processo.

Se os meios de comunicação tiverem uma postura alarmista e sensacionalista, pode ser ruim por atrapalhar o trabalho das instituições responsáveis (ANDI, 2007).

Para Reyna (2007 *apud* ANDI, 2007, p. 20) as técnicas de comunicação devem ser tão abrangentes e eficazes quanto às proporções do problema reportado. Para que as pessoas em situação de vulnerabilidade se informem a respeito do problema enfrentado e a sociedade como um todo tome conhecimento e exija dos poderes responsáveis atitudes, é necessário observar detalhes relacionados ao setor político, que servirão para detalhar melhor a reportagem. Neste aspecto, é importante analisar a coerência dos discursos e as mensagens dos protagonistas políticos ante ao risco de desastres ou após o acontecimento deles. É preciso também estar preparado para o surgimento de outros temas que possam disputar o espaço.

3.3 Telejornalismo

De acordo com a PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, em 2012, a televisão estava presente em 97,2% dos lares brasileiros. Além disso, com o advento da tecnologia, um simples celular pode ser suporte de transmissões televisivas.

O telejornal, um dos principais produtos televisivos consumidos atualmente, transmite os fatos e notícias do país e do mundo de maneira quase instantânea. Em relação aos outros meios de comunicação, como jornais impressos e rádio, a TV mostra a imagem em movimento e o áudio simultaneamente. Ou seja, o telespectador leva vantagem por não precisar ser alfabetizado, como é o caso dos internautas e leitores de jornais impressos, e ainda pode ver a imagem do que está sendo contado, fato que no rádio não é possível. Para Paternostro (1999, p. 63):

A televisão combina a utilização simultânea de dois sentidos do ser humano, a visão e a audição. Sem contar que uma notícia de grande impacto afeta as pessoas de forma emocional. Dependendo da intensidade, da força, uma imagem que aparece no ar por escassos 15 segundos permanece na mente do telespectador por muito tempo, às vezes para sempre.

Para fazer um telejornal é preciso elaborar com muito cuidado e atenção às pautas que vão entrar no jornal, tanto local quanto nacional.

Normalmente os telespectadores ligam para a redação para realizar denúncias e relatar problemas nas áreas onde morram. Os jornais precisam ter matérias de interesse para a sociedade. Para levantar pautas, é preciso estar atento ao que é interesse do público e interesse público. De acordo Carvalho (2010, p.18):

O bom telejornal é aquele que responde, sim, às expectativas do telespectador, mas que também possibilita que ele levante novos questionamentos, perceba que há outras formas de ver a notícia em questão. Ou seja, não podemos estar desconectados daquilo que importa ao público, mas devemos nos perguntar sempre se o assunto que interessa ao público é de interesse público.

Encontrar boas pautas para o jornal não é tarefa fácil, e a preocupação com as imagens para a construção da matéria deve ser constante. Televisão é imagem, o que vai chamar atenção do público são as imagens, que devem ser ricas em detalhes. É importante que haja imagens para cobrir os *offs*. Segundo Carvalho (2010, p.37):

Precisamos nos atentar para algumas características intrínsecas do telejornalismo. A primeira delas é a imagem. Não significa que a nossa escolha sobre o que é notícia deva partir da premissa se há ou não imagens. Mais significa que o pauteiro deva sempre pensar nas imagens ao construir a matéria, pois é esse nosso diferencial em relação aos outros veículos.

O trabalho na TV envolve muitos profissionais e etapas. Existem várias funções a serem exercidas na redação de um jornal. O produtor apura as pautas, entra em contato com os entrevistados, agendando as entrevistas. O repórter apura a reportagem, escreve o texto, grava *offs* e passagem, que é sempre revisado por um editor. Para ser repórter de TV, além dos pré-requisitos comuns aos profissionais de jornalismo em geral, é preciso se portar bem diante das câmeras, saber como se movimentar e ter uma boa locução. É preciso ter cuidado com a voz. Para Bistane e Barcellar (2005):

Na voz de quem grava, o texto de televisão ganha mais vida. O *off* pode ficar melhor ou pior, dependendo do narrador. Entonação, ritmo, pausa no momento certo fazem a diferença. Um boa voz, bem colocada, ajuda compreender, o que está sendo dito. E interfere na imagem do repórter ou do apresentador. A voz diz muito sobre a pessoa. Revela se estamos confiantes ou inseguro e é também um indicativo da nossa origem sociocultural e da região onde nascemos, seja pelo sotaque ou pela maneira como articulamos as palavras, garantem os especialistas.

Existem formas diferentes de fazer uma matéria para TV, alguns programas fazem uso do documentário, outros da videoreportagem. O conceito do repórter abelha, hoje conhecido como videorepórter, surgiu no final de 1987 no Brasil. Este novo formato de fazer matéria para TV fugiu do estilo tradicional do telejornalismo. A TV Gazeta de São Paulo foi a pioneira na utilização desta nova linguagem para fazer reportagens para TV. Nos Estados Unidos, o videorepórter faz parte, normalmente, de televisões locais e de pequenos recursos, como a New York One (BARBEIRO; LIMA, 2002). De acordo com Oliveira, Roldão e Bazi (2005, p.15):

No videoreportagem tem-se a possibilidade da utilização da estrutura clássica da reportagem em televisão, ou seja, a construção de *off's* (textos), sonoras (entrevistas) e passagem do repórter. Os *off's* devem ser construídos depois da gravação das imagens (a partir de um roteiro de gravação) e com as recomendações das técnicas do texto de televisão. É importante salientar ainda que, no videoreportagem, recursos do chamado jornalismo literário já são utilizados, porém com uma certa timidez.

No mesmo artigo os autores ressaltam a importância que as fontes exercem no vídeo, elas devem ser pré-selecionadas “[...] além de fornecer informações primordiais, devem ser alocadas durante o vídeo com a finalidade de dar sintonia à estrutura que está em construção”. (OLIVEIRA, ROLDÃO; BAZI, 2005, p.15). A videorreportagem, normalmente, pode ter várias passagens, mas também existem modelos de vídeos que usam outros recursos. Cada vídeo segue um tipo de roteiro. As regras são diferenciadas de acordo com o que se pretende com a videorreportagem. (OLIVEIRA; ROLDÃO; BAZI, 2005)

Um ponto em comum citado no artigo entre uma videorreportagem e um documentário é o processo de produção. Segundo Oliveira, Roldão e Bazi (2005, p. 17):

No documentário, como no videorreportagem, o que se procura é contar uma história com começo, meio e fim. Por isso, o processo de produção desses dois gêneros é semelhante, mas apresenta diferenças em vários pontos. Para se entender isso, basta lembrar que no documentário só se sai a campo com um roteiro definido, mesmo que seja um pré-roteiro. Já o videorreportagem se desenvolve à medida que a reportagem é apurada.

O conceito de videorreportagem é abrangente, são várias possibilidades que podem ser criadas para a elaboração deste formato para o meio televisivo. De acordo com Machado (1997 apud OLIVEIRA; ROLDÃO; BAZI, 2005, p. 13)

O termo vídeo abrange o conjunto de todos esses fenômenos significantes que se deixam estruturar na forma simbólica da imagem eletrônica, ou seja, como imagem codificada em linhas sucessivas de retículas luminosas. Nesse sentido, abrange isso que convencionalmente nós chamamos de televisão, ou seja, o modelo broadcasting de difusão da imagem eletrônica.

“É preciso ficar atento que na videorreportagem, os recursos de efeitos e da computação gráfica podem ser utilizados com ressalvas, pois o primordial é a contextualização da informação que se quer transmitir.” (OLIVEIRA; ROLDÃO; BAZI; 2005, p. 19). Existem polêmicas entre os moldes tradicionais do telejornalismo e a produção de videorreportagem. Segundo Barbeiro & Lima (2002, P.75):

Há polêmica em torno da produção da videorreportagem, uma vez que é uma tentativa de quebrar o academicismo na captação de imagens e áudio, e desestabiliza um modelo que foi concebido há 45 anos. O mesmo acontece nos jornais impressos, onde um só jornalista faz o texto e as fotos da matéria. De certa forma, o jornalista acumula também a função de editor de texto e reportagem,

além de repórter e cinegrafista. É preciso treinamento e agilidade para fazer ao mesmo tempo boas imagens, boas perguntas, bom enquadramento, bom texto... Além disso, há dificuldades, como a de clarear os entrevistados.

4 METODOLOGIA

O paradigma que melhor responde à pergunta-problema do trabalho é o qualitativo, porque nele o investigador interage com o objeto de investigação direta e subjetivamente. Selecionamos como técnica de pesquisa para a primeira etapa da investigação a revisão bibliográfica. Por meio desta técnica pudemos aprofundar de forma mais detalhada como elaborar uma videoreportagem e estudar as técnicas que são necessárias para criar uma reportagem de qualidade, mostrando o olhar do repórter diante do tema.

A construção da ideia para a videoreportagem foi elaborada por meio da leitura de algumas bibliografias temáticas. “Designamos assim uma bibliografia que se relacione a um tema ou a uma determinada questão Fazer uma lista exaustiva dessas bibliografias é praticamente impossível”. (LAVILLE, 1999, p. 115). Na estrutura do trabalho, a bibliografia temática definiu-se pelos temas “telejornalismo” e “comunicação de risco”. Os textos referentes ao tema do trabalho foram importantes para conceituar assuntos específicos. Para Laville (1999, p. 116)

Existem index e inventários de artigos de revista em quase todos os domínios das ciências humanas e sociais. Alguns listam também as teses, os relatórios de pesquisa, as comunicações, se o texto encontra-se disponível. Certos index interessam pelo conjunto das ciências humanas e sociais, tal como o *Social Science Index*, ou por uma ou outra dentre elas, como o *Psychological Abstracts*; muitas vezes então, dentro de um espírito de interdisciplinaridade, apresentam também menções bibliográficas relativas a disciplinas afins. E outros, enfim, especializam-se em um determinado gênero, como o *WomensStudies Abstract*.

Entre as leituras que serviram de inspiração para iniciarmos a execução do nosso trabalho está o livro “Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar”, em que os autores Alexandre Carvalho, Fábio Diamante, Thiago Bruniera e Sérgio Utsch abordam questões desde como se escrever um texto para televisão, até discussões acerca da mídia como palco para discussões sociais.

Buscamos também no livro “Teoria do Jornalismo” de Felipe Pena o conceito de jornalismo comunitário, que “[...] atende às demandas sociais da cidadania e serve como instrumento de mobilização social” (PENA, 2005, p.185). Estes

conceitos foram essenciais para estabelecermos o espaço de fala de cada uma dos entrevistados, tanto fontes como personagens.

Outros instrumentos utilizados neste trabalho foram as pautas (nelas registramos o que e quem entrevistar em cada gravação na Rabelo) e o roteiro de gravação (nele estabelecemos quais são as datas e horários das gravações). Por fim, também elaboramos um diário de campo para registrar todos os movimentos executados durante a realização do trabalho.

4.1 Diário de Campo

Às 8h do dia 8 de março de 2014, chegamos à Vila Rabelo para uma visita. Foi neste primeiro contato com os moradores da comunidade, que conseguimos os nossos primeiros três entrevistados, a Luzia Feitosa, a Ivete Feitosa e o José Santos. Procurávamos principalmente por pessoas que morassem na beira do barranco, mas acabamos encontrando histórias interessantes, que tornaram a videorreportagem mais próxima da realidade e dos sentimentos de quem mora lá.

Durante a semana que se seguiu, do dia 9 ao dia 14 de março, nós preparamos o roteiro das gravações. Conforme a necessidade nós adaptamos às matérias. Em algumas entrevistas optamos pelo plano sequência, onde não há cortes e nem edições, em outros casos optamos pela composição com os elementos de OFF – PASSAGEM - SONORA.

No sábado, dia 15 de março, com o roteiro em mãos, texto das passagens estruturado e entrevistas marcadas, começamos a gravação com o senhor José Santos, que é aspirante a técnico de futebol, e reúne as crianças da comunidade para treinar e jogar bola. Ele realiza um trabalho voluntário com as crianças da Vila Rabelo de segunda a sábado. Quando chegamos na escolinha, encontramos de 10 a 50 crianças em um campo muito simples de terra e pedras. No começo da gravação as crianças ficaram envergonhadas com a nossa presença, mas depois de alguns minutos de bola rolando, elas esqueceram que estávamos ali.

O seu José Santos não teve dificuldade em falar em frente a câmera, fizemos várias perguntas para ele e as respostas foram imediatas. A maior dificuldade que enfrentamos nessa gravação foi conseguir uma sonora com uma criança que

participava da escolinha, em campo não eram tímidas, mas diante da figura do repórter com uma câmera não estavam à vontade.

Pedimos a ajuda do técnico para indicar uma criança que fosse desinibida para falar com a gente. O seu José logo chamou um garotinho chamado Bruno. No tamanho Bruno era pequeno, mas nos surpreendeu com as inteligentes respostas. Depois que entrevistamos o pequeno Bruno, a repórter Ana Paula gravou a passagem. Nesse primeiro contato com a comunidade da Rabelo, as pessoas foram receptivas e compreensivas com o nosso trabalho acadêmico.

No mesmo dia, após as gravações, nos dirigimos para a casa da Luzia Feitosa, que mora próximo ao local onde o senhor José dá aulas para as crianças. Descemos a rua até o final. A impressão que tínhamos é que a rua tinha acabado, mas na verdade, na beira do barranco ainda tinha uma casa, a da Luzia.

Após chegarmos, nos preparamos para a gravação. Foi necessário muito esforço e concentração, porque era preciso sincronizar a fala do texto de abertura da matéria com a descida íngreme até a casa. Após a gravação da abertura, fomos recebidos na porta da casa pela Luzia, que nos convidou para entrar.

Ao entrarmos percebemos que por mais simples e humilde que ela seja dentro da casa tem uma TV de plasma, computador, internet sem fio, bens duráveis em geral, um luxo em meio ao barranco. Durante a nossa conversa descobrimos que até carro ela tem. Tudo isso é fruto do trabalho de consultoria de uma famosa marca de cosméticos.

Iniciamos a gravação da entrevista com ela. Luzia Feitosa, bem desenvolvida em frente às câmeras, conta que mora na casa com os dois filhos e marido, e que morre de medo de ficar em casa quando cai uma chuva mais forte. Após algumas outras perguntas, nos convidou até o quarto dela e mostrou a bela vista que ela tem da natureza ao abrir a janela.

Após gravarmos algumas imagens de dentro do quarto, ela nos levou até o 'quintal', que é o grande barranco, para mostrar os pés de planta que nasceram ali, e os outros dois cômodos que tinham na parte de baixo da casa [quarto e banheiro]. O momento mais emocionante desta gravação foi quando falávamos da invasão de animais peçonhentos, já que o quintal tinha uma densa área verde, e de repente

uma cobra, que estava a um metro e meio de distância da gente, correu para o meio do mato.

Ao subirmos do 'quintal', percebemos também que o muro do vizinho havia cedido e caído para dentro do terreno dela após a última chuva. Nos despedimos e partimos para a próxima gravação.

A nossa próxima personagem foi Ivete Feitosa, que mora na última casa de uma rua. O primeiro contato com Ivete não foi difícil, como destinamos um dia para conhecer a comunidade e encontrar personagens, já marcamos com a Ivete e tudo ocorreu como o esperado. O que nos pegou de surpresa foi a chuva. Para nossa alegria e desespero no dia que fomos gravar com Ivete começou a chover muito forte, isso nos rendeu boas imagens e principalmente a experiência de viver na pele como é assustador morar em uma área de risco.

Como a chuva estava muito forte não conseguimos gravar passagens na chuva, ficamos com medo de molhar o equipamento. Aproveitamos o dia de gravação, mesmo chovendo, para filmar dentro do carro as ruas alagadas, o barro, o lixo e os buracos espalhados por toda a comunidade. Tivemos a ideia de retornar na rua da nossa personagem, Luzia Feitosa, para registrar como fica a rua na chuva.

Na outra semana de gravações, fomos ao encontro de dona Maria das Graças Macedo, uma senhora simples que abriu a porta da casa com muita receptividade. Ela foi uma das personagens que não se acanhou diante das câmeras. As sonoras com Dona Graça foram proveitosas. Ela é a típica personagem que conhece muito bem a região que mora e não tem medo de reivindicar as melhorias. Por meio desta personagem conseguimos abordar vários assuntos além dos riscos geográficos. A falta de saneamento básico, o transporte público precário, a falta de assistência do governo e a saúde, foram os principais problemas listados por Dona Graça. Uma personagem crítica, que leva uma vida simples, mas que sorri para a vida.

Procuramos outras duas fontes que nos oferecessem uma visão mais técnica do solo e formas de prevenção de acidentes. Inicialmente marcamos uma entrevista com o subsecretário de operações da Defesa Civil, Sérgio Bezerra. Em duas horas de conversa ele nos passou informações sobre as ações do órgão na área, sobre o

remanejamento das famílias que moravam em áreas de alto risco e também sobre os principais problemas enfrentados pelos moradores nas duas principais estações do ano: verão e inverno. Ele nos apresentou fotos da área e dados da Defesa Civil.

Conseguimos também uma entrevista com o professor de Geografia, Marcus Fábio. Ele nos falou sobre as questões técnicas de solo, e como a construção de casas em áreas próximas a encosta podem favorecer acidentes como o deslizamento de terra.

5 CRONOGRAMA

Março	Data	Horário
Visitação e captação de personagens na Vila Rabelo	08/03 (sábado)	Manhã
Captação de fontes e montagem do roteiro de gravação	10/03 (segunda)	Manhã
Gravação na Vila Rabelo	14/03 (sexta)	Manhã
Gravação na Vila Rabelo	15/03 (sábado)	Manhã
Gravação com as fontes (Defesa Civil, Geólogo, Agefis)	17/03 (segunda)	Manhã
Gravação com as fontes (Defesa Civil, Geólogo, Agefis)	21/03 (sexta)	Manhã
Gravação	22/03 (sábado)	Manhã
Gravação	24/03 (segunda)	Manhã
Avaliar as filmagens	28/03 (sexta)	Manhã
Decupagem do material	31/03 (segunda)	Manhã
Abril	Data	Horário
Decupagem do material	04/04 (sexta)	Manhã
Decupagem do material	07/04 (segunda)	Manhã
Decupagem do material	09/04 (quarta)	Noite
Decupagem do material	11/04 (sexta)	Manhã
Decupagem do material	14/04 (segunda)	Manhã
Feriado	18/04 (sexta)	Manhã
Feriado	21/04 (segunda)	Manhã
Gravação de OFF's	25/04 (sexta)	Manhã
Gravação de OFF'S	28/04 (segunda)	Manhã
Maio	Data	Horário
Gravação de OFF's	02/05 (sexta)	Manhã
Edição do material colhido	05/05 (segunda)	Manhã
Edição do material colhido	07/05 (quarta)	Noite
Edição do material colhido	09/05 (sexta)	Manhã
Edição do material colhido	12/05 (segunda)	Manhã
Edição do material colhido	14/05 (quarta)	Noite
Edição do material colhido	16/05 (sexta)	Manhã
Finalização do vídeo	19/05 (segunda)	Manhã
Levar o material para a gráfica (Arte do CD e capa)	21/05 (quarta)	Manhã

***	23/05 (sexta)	Manhã
***	26/05 (segunda)	Manhã
***	28/05 (quarta)	Noite
Entrega	29/05 (quinta)	Manhã

Este cronograma está sujeito a alterações. Estipulamos uma data para gravação com os personagens da Vila Rabelo e com as fontes, mas pode acontecer que uma fonte ou personagem falte no dia.

*** - Como pode acontecer de alguma fonte ou personagem furar com a reportagem, decidimos reservar estes dias por precaução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a convivência com as pessoas que moram na Vila Rabelo, concluímos que elas não percebem a gravidades dos riscos que correm por viver em uma área não indicada para moradia. São pessoas que vivem um risco iminente, sabem que é perigoso viver naquele local, mas embora seja explícito, sempre acham que não vai acontecer com elas. Apesar dos relatos de vizinhos que perderam as casas em barrancos ou que na época de seca tiveram as casas destruídas pelas queimadas, os moradores preferem pensar que é sempre algo que acontece com outras pessoas e que até pode acontecer com eles um dia, mas não agora.

Na elaboração do trabalho foi nítido o crescimento que tivemos a cada gravação. Como jornalistas, aprendemos a importância de uma boa produção para o andamento da reportagem. A visita técnica que fizemos para conhecer a área e ter boas ideias para a produção do vídeo foi um acerto. Vivenciamos como é cobrir, como jornalistas, áreas de risco e colocamos em prática as técnicas de entrevistas.

A parte técnica do telejornalismo foi uma das dificuldades. Nos inspiramos em alguns programas de TV, como Caminhos da Reportagem, Profissão Repórter e Globo Repórter, mas no decorrer do trabalho acabamos por tentar definir um estilo próprio. Os planos-sequência foram difíceis de ser feitos, porque tínhamos que casar boa mobilidade, mexer as mãos na medida certa e falar o texto, tudo ao mesmo tempo. Nós erramos inúmeras vezes, até encontrar a sintonia certa do que queríamos mostrar e dizer.

Outra dificuldade que tivemos foi no dia que visitamos a área e estava chovendo muito. Este dia foi, sem dúvidas, uma experiência construtiva para nossa carreira. Vivemos de perto o que queríamos retratar no trabalho, o medo que as famílias enfrentam morando na Vila Rabelo. Como jornalistas, tivemos que manter a calma e aproveitar o momento para fazer boas imagens.

Os meses de elaboração do trabalho nos proporcionaram um contato com o que é o jornalismo comunitário, uma das diversas áreas que podemos seguir na carreira. O contato com os personagens, com a história de cada pessoa e a missão de tentar traduzir o que vimos e ouvimos para uma videoreportagem de apenas 14 minutos não foi tarefa fácil, mas foi uma experiência enriquecedora. O resultado final

não fugiu do objetivo proposto e o que vivemos na Vila Rabelo vai ser uma bagagem que levaremos durante nossa vida como jornalistas. O trabalho acadêmico contribuiu para, no futuro, sabermos lidar com reportagens de cunho social e coberturas de risco.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO DIREITO DA INFÂNCIA. Jornalismo preventivo e cobertura de situações de risco. 2007. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/inclusao-e-sustentabilidade/publicacao/jornalismo-preventivo-e-cobertura-de-situacoes-de-risco-um-gu>>. Acesso em: 2 abr. 2014.
- BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV*. 2 edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.
- BISTANE, Luciana e BARCELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*. São Paulo: Contexto, 2005.
- CARVALHO, Alexandre; DIAMANTE, Fabio e BRUNIELA, Thiago. *Reportagem na TV: Como fazer, como editar e como produzir*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CASTRO, Antônio. *Manual de planejamento em defesa civil*. Brasília: Ministério do Planejamento, 1999.
- LAVILLE, Christian. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 199.
- MEDINA, Cremilda. *Entrevista o diálogo possível*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1995.
- OLIVEIRA, Ana Paula Silva, ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo e BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. *Documentário e video-reportagem: Uma contribuição ao ensino de telejornalismo*. Disponível em: <<http://www.fnpij.org.br/dados/grupos/documentario-e-video-reportagem-uma-contribuicao-ao-ensino-de-telejornalismo%5B75%5D.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- PATERNOSTRO, Vera Iris. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio De Janeiro: Campus, 1999.
- PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.
- VIEIRA, Rafaela; FURTADO, Maria. Percepções frente ao risco de deslizamento. *Geosul: revista do departamento de geociências*, local, v. 20, n. 40, p. 65-71, dez. 2005.

APÊNDICE

Roteiro TCC – Vila Rabelo

ABERTURA NA CASA DA LUZIA: Fellype Sales

TC – 15:55 a 16:20 (primeira fita)

OFF1: Quando chove na Vila Rabelo, a água escorre e inunda as últimas casas das ruas. Dependendo da intensidade, as casas que ficam na beira do barranco correm ainda mais riscos de desmoronamento.

IMAGENS: Chuva escorrendo rua e Chuva casa Luzia

TC – 26:27 a 27:55 e 30:29 a 30:50 (segunda fita)

SONORA1: Luzia falando do medo que tem da chuva

TC – 21:22 a 22:00 (primeira fita)

OFF2: Luzia conta que vários aparelhos elétricos da casa já queimaram em dias de chuva mais intensa, por conta da instabilidade da energia.

IMAGENS: TV, computador

TC – 22:23 a 23:29 (primeira fita)

SONORA2: Luzia falando dos aparelhos queimados na época da chuva

TC – 22:05 a 22:22 (primeira fita)

OFF3: Na área verde do quintal de Luzia encontramos uma horta. O difícil é as plantas resistirem ao período de chuvas.

IMAGENS: Barranco sol e barranco chuva**.

TC – 24:16 a 24:35 (primeira fita) e 00:00 a 00:40 (segunda fita)

SONORA3: Luzia fala sobre uma horta que ela plantou e a chuva levou

TC – 26:19 a 27:00 (primeira fita)

OFF4: Se existe realmente alguma coisa boa nesta história toda, sem dúvida é a vista da janela de Luzia. Ao mesmo tempo que é bonita, é assustadora.

IMAGENS: Luzia abrindo a janela do quarto, mostrando a vista da casa dela. (Sobe som)

TC – 24:00 a 24:12 (primeira fita)

OFF5: Além do número de plantas, o barranco contém também uma grande quantidade de lixo e entulho. O geógrafo especialista em solo, afirma que a criação de ruas canaliza a enxurrada.

IMAGENS: Imagem do lixo e entulho*, imagem água correndo e copo, e imagem de corte geógrafo

TC – 30:51 a 31:52 (segunda fita) e 00:08 a 01:20 (quarta fita)

SONORA4: Geógrafo fala sobre o curso da água – arruamento

TC – 04:05 a 04:54 (quarta fita)

OFF6: Mesmo com as ruas sem asfalto, esburacadas, cheias de pedras, as crianças conseguem jogar bola. Alguns meninos arriscam até jogar descalços. Difícil mesmo é quando a bola cai no barranco. Aí a solução que encontram é descer o buraco e pegar a bola, mesmo sendo arriscado.

IMAGENS: Meninos jogando bola na rua da Luzia, filhos da Luzia jogando/ menino descendo o barranco e subindo.***

TC – 01:20 a 02:26 (segunda fita) e 52: 36 a 52:27 (primeira fita)

SONORA5: Como ele faz para descer e pegar a bola

TC – 04:20 a 04:38 (segunda fita)

OFF7: Quem mora ali convive diariamente com o medo. Mas sem dúvida todos tem um sonho em comum, viver em um lugar melhor. Seja para brincar com mais segurança ou fazer uma horta e ter um quintal mais bonito.

IMAGENS: Meninos jogando bola câmera lenta e Luzia mexendo nas coisas da casa dela. **** (imagem da Luzia no quintal mostrando o barranco)****

TC – 01:20 a 02:26 (segunda fita) e 24:16 a 24:35 (primeira fita)

SONORA6: Wallace e Luzia falando dos sonhos de morar melhor

TC – 05:08 a 05:15 (segunda fita) e 26:19 a 27:00 (primeira fita)

OFF8: Luzia não é a única pessoa que sofre com a casa ao lado de um abismo. A irmã dela também vive na mesma situação, ou pior. IMAGENS: Céu girando em 360° (*passagem de bloco*) e Rua da Ivete pessoas andando

TC – 24:23 a 24:29 (segunda fita) e 08:53 a 09:25 (segunda fita)

ABERTURA NA RUA DA IVETE: Ana Paula Almeida

TC – 11:32 a 11:48 (segunda fita)* e 12:00 a 12:35 (segunda fita)*

*** - Cortar a Ivete andando de bike**

OFF9: Ela mora há muitos anos no local, e conta que optou morar na Rabelo porque os lotes eram mais baratos.

IMAGENS: Imagem corte Ivete, Ivete no quintal e Vista barranco Ivete

TC – 19:51 a 19:54 (segunda fita), 21:22 a 21:39 (segunda fita) e 21:41 a 22:07 (segunda fita)

SONORA7: Ivete falando que morar na Rabelo é mais barato

TC – 19:54 a 20:05 (segunda fita)

OFF10: É fácil entender porque os lotes são mais baratos. No período chuvoso, o vento não dá trégua, as plantas parecem que vão cair sobre a casa. Os fios de energia balançam no telhado, somem com a força do vento. A chuva parece aumentar a cada instante, e o medo de ficar dentro da casa é inevitável.

IMAGENS: Chuva no telhado, foco arame chuva e bananeira e fio elétrico (*tudo sobe som*).

TC – 13:43 a 14:36 (segunda fita), 14:37 a 15:04 (segunda fita) e 12:40 a 13:08 (segunda fita).

SONORA8: Ivete que tem medo de deixar os filhos em casa

TC – 18:28 a 18:49 (segunda fita)

OFF11: Quando chove, a lama se espalha na rua. Quem vive nas últimas casas é surpreendido pela enxurrada de lama. É preciso encontrar uma maneira para, ao menos, tentar conter a água da chuva. Ivete tenta barrar a lama colocando tijolos no portão. Esse ritual se repete toda vez que chove muito.

IMAGENS: Chuva na rua e Ivete colocando tijolos.

TC – 27:10 a 27:55 (segunda fita) e 20:57 a 21:08 (segunda fita)

SONORA9: Ivete falando que toda vez que chove é desse jeito, desce pedra e lama e demora 1 hora pra limpar tudo.

TC – 17:42 a 17:50 (segunda fita), 16:06 a 16:27 (segunda fita) e 19:00 a 19:11 (segunda fita)

OFF12: O geógrafo também alerta sobre a falta de redes pluviais nestas áreas irregulares.

IMAGENS: Córrego esgoto parado zoom

TC – 51:52 a 52:00 (primeira fita)

SONORA10: Professor Marcus Fábio falando sobre redes pluviais e áreas irregulares.

TC – 06:48 a 07:26 (quarta fita)

OFF13: Assim como Luzia, Ivete sonha em sair da Vila Rabelo. Morando na última casa da rua, os problemas só aumentam com tempo chuvoso.

IMAGENS: Imagem de corte Ivete, rua Ivete trovão.

TC – 17:51 a 18:27 (segunda fita),

SONORA11: Ivete falando “meu sonho é sair daqui, saindo daqui ta bom”, musica triste e o foco no rosto dela.

TC – 19:31 a 13:39 (segunda fita), 19:46 a 19:50 (segunda fita) e 10:16 a 10:32* (segunda fita) - * foco na Ivete.

ABERTURA DEFESA CIVIL: Felype Sales

TC – 01:34 a 01:55 (terceira fita)

SONORA12: Sérgio Bezerra falando sobre a classificação de risco da Defesa Civil em relação à Rabelo.

TC – 07:21 a 08:12 (terceira fita)

OFF14: Ele conta que a Defesa Civil faz visitas na Rabelo para conferir a situação das casas e também colocar placas para alertar os moradores do risco.

IMAGENS: Imagem de corte Sérgio Bezerra, Sérgio mostrando as fotos das placas.

TC – 02:32 a 06:34 (terceira fita)

SONORA13: Sérgio Bezerra falando sobre monitoramento.

TC – 08:16 a 09:08 (terceira fita)

OFF15: Sérgio diz que os moradores da comunidade não sofrem riscos somente no período chuvoso, na seca ele também tem problemas.

IMAGENS: Imagem de corte Sérgio Bezerra.

TC - 02:32 a 06:34 (terceira fita)

SONORA14: Sérgio fala sobre as queimadas

TC – 09:20 a 10:08 (terceira fita)

ABERTURA DONA GRAÇA: Ana Paula Almeida

TC – 59:22 a 59:41 (primeira fita)

SONORA15: Graça falando da falta de médicos.

TC – 36:00 a 37:00 (primeira fita)

OFF16: O posto de saúde que atende os moradores da Rabelo fica à cerca de dois quilômetros da comunidade. Se ir até lá já é difícil para quem tem carro, imagina para quem utiliza o transporte público que também é precário.

IMAGENS: Posto do Vale das Acácias, pessoas na parada e ônibus.

TC – 06:41 a 07:40 (segunda fita) e 08:17 a 08:35 (segunda fita)

SONORA16: Dona Graça fala sobre a falta de ônibus.

TC – 44:16 a 44:53 (primeira fita)

OFF17: Em uma ligação da repórter, o morador e membro do Comitê de Transporte da Vila Rabelo, Jonatas Pereira, revela que o transporte da Rabelo está abandonado.

IMAGENS: Imagem de corte repórter no telefone.

TC – ainda não tem.

SONORA17: (com arte) Jonatas falando sobre o drama do transporte.

TC – ainda não tem

OFF18: Graça revela que a coleta de lixo acontece, mas alguns moradores ainda preferem jogar lixo no barranco.

IMAGENS: Dona graça jogando lixo fora e mexendo no lixo, lixo rabelo entulho.

TC – 52:01 a 52:34 (primeira fita) e 08:36 a 08:52 (segunda fita)

SONORA19: Dona Graça fala sobre a coleta de lixo.

TC – 43:24 a 44:00 (primeira fita)

OFF19: Um dos poucos contatos que o governo tinha com a comunidade era a SEDEST, que distribuía pão e leite para as famílias, e que por sinal já saiu de lá. O prédio está a venda.

IMAGENS: SEDEST, placa de venda.

TC – 23:47 a 24:22 (segunda fita)

OFF20: Falando do sonho dela de sair de lá para viver bem e morar bem.

IMAGENS: Imagem de corte dona graça.

TC – 32:38 a 33:02 (primeira fita)

SONORA20: Assim como alguns moradores da comunidade, Graça também sonha em sair do risco.

TC – 46:59 a 47:55 (primeira fita) e 49:11 a 49:17 (primeira fita)

OFF21: Falando que na Rabelo não só tem coisa ruim, também tem gente que preza pelo bem, principalmente das crianças.

IMAGENS: 360° do Seu Zé dando instruções às crianças.

TC – 02:24 a 02:40 (primeira fita)

PASSAGEM: Ana Paula Almeida falando sobre o campo

TC – 15:03 a 15:15 (primeira fita)

OFF22: José revela a dificuldade de manter o projeto com as crianças, já que não tem apoio.

IMAGENS: Seu Zé dentro de campo instruindo, imagem do jogo por detrás da cerca de arame farpado.

TC – 03:11 a 04:03 (primeira fita) e 04:04 a 05:03 (primeira fita)

SONORA21: Seu zé falando sobre não ter patrocínio.

TC – 05:27 – 11:11 (primeira fita)

OFF23: O futebol faz com que as crianças que poderiam estar em casa sem fazer nada, ou na rua, estejam se divertindo dentro de campo. O garoto conta que a escolinha do seu zé ajuda muito, principalmente na escola.

IMAGENS: Bruno jogando bola e imagem de corte Bruno.

TC – 02:17 a 02:23 (primeira fita) e 11:40 a 11:56 (primeira fita)

SONORA22: Bruno contando que não fazia nada no sábado e que ele é um aluno nota 10.

TC – 11:57 a 12:00 (primeira fita) e 12:01 a 12:39

OFF24: E por mais simples que seja, o campo faz as crianças acreditarem em um futuro melhor.